



MÍDIA NEGRA E FEMINISTA

ANO XX - EDIÇÃO Nº233 – AGOSTO 2024

Diagnósticos e caminhos para as mídias negras, indígenas e periféricas no Brasil



Por InternetLab - Devido a mudanças tecnológicas e sociais, a produção e distribuição de conteúdos jornalísticos têm se alterado, apresentando desafios para o setor econômico de mídias, sejam elas independentes e tradicionais. A adoção de tecnologias digitais no nosso cotidiano é uma força protagonista nessas transformações, e faz parte de um contexto de mudanças mais amplas. Essa disrupção é o ponto de partida da análise realizada pelo relatório “Desigualdades sociais e sustentabilidade de mídias no Brasil”, recém-publicado pelo InternetLab. O estudo busca entender as barreiras e desigualdades relacionadas à sustentabilidade do jornalismo e da comunicação produzidos a partir de mídias negras, indígenas e periféricas/territoriais no contexto da popularização das plataformas de redes sociais e do uso da internet como ferramenta para circulação de informação. Ou seja, como as desigualdades estruturais da sociedade brasileira se manifestam quando se trata do cotidiano dos meios de comunicação não tradicionais. Para isso, a pesquisa tem dois objetivos: apresentar um diagnóstico inicial sobre a sustentabilidade de mídias independentes no Brasil, com especial atenção ao exercício do direito à comunicação por populações historicamente marginalizadas; e a partir da escuta com interlocutores e coleta de dados, fornecer contribuições para uma agenda multisetorial que fortaleça a sustentabilidade. Leia a [matéria completa](#). Fonte: InternetLab | Foto: jornal Quilombo.

Revolta dos Búzios, 226 anos

Por Antonio Olavo | Entrevista ao cineasta Jorge Alfredo Guimarães - Ao longo da história o movimento de 1798 ganhou várias denominações. Nos Autos da Devassa, que procedeu logo após o surgimento dos “papéis revolucionários” em 12 de agosto de 1798, os desembargadores denominaram de Sedição de Mulatos. Tempos depois alguns historiadores passaram a utilizar nomes os mais diversos, vejamos alguns: Conspiração Socialista na Bahia (Francisco Adolfo de Varnhagen, 1857); A Conjuração de João de Deus (J.C. Fernandes Pinheiro, 1860); Sedição de 1798 na Bahia (José Carlos Ferreira, 1890); Inconfidência Baiana (Egas Muniz de Aragão, 1922); Conspiração Republicana (Braz do Amaral, 1931); A Primeira Revolução Social Brasileira (Afonso Ruy, 1951); Movimento Revolucionário Baiano de 1798 (Luís Henrique Dias Tavares, 1961); Movimento Democrático Baiano de 1798 (Kátia Mattoso, 1969); Ensaio de Sedição de 1798 (István Jancsó, 1993). Houve outras denominações, mais ou menos usual conforme o tempo. Na primeira metade do século XX se falava muito em Revolução dos Alfaiates, atualmente alguns historiadores e livros didáticos preferem Conjuração Baiana, mas também temos Revolta dos Búzios, adotada por entidades e ativistas do Movimento Negro. Leia a [entrevista de Antonio Olavo](#).

Projeto 2025: Plano de poder de Donald Trump é mapa das suas falhas

Por Cory Doctorow - O Projeto 2025, assustador plano da extrema direita estadunidense para Trump, é também um guia estratégico para suas falhas e fissuras, para derrotá-los. O Projeto 2025, o roteiro da Fundação Heritage (um think tank conservador dos EUA) para as ações que Trump deve tomar se conquistar a presidência. Dada a centralidade da Fundação Heritage no projeto autoritário americano, é tão horrível quanto se poderia esperar. Mas (quase) todas as matérias e comentários sobre o Projeto 2025 erram o alvo. Só um autor que li até agora percebeu imediatamente o verdadeiro significado do Projeto 2025: Rick Perlstein, do site The American Prospect, o que não surpreende, porque Perlstein é, dentro da esquerda, um dos maiores historiadores dos movimentos de direita. As ameaças à democracia e suas instituições não são novas. Há mais de um século a direita vem empenhada em sua destruição. Como diz Perlstein, o objetivo dessa observação não é subestimar o perigo, mas dar contexto. Mas embora a direita tenha dinamitado muitos dos caminhos que levariam a um futuro próspero e humanizado, é um grande erro pensar nela como uma força estável e unificada, que marcha inexoravelmente para uma vitória após a outra. A direita americana é uma aliança frágil, liderada por um punhado de plutocratas que convenceram um monte de perus a votarem a favor do Natal. Leia o [artigo na íntegra](#). Fonte: The Intercept Brasil.

Frei Betto: Trump e a ameaça do supremacismo branco

Por Frei Betto - A vitória de Trump significaria um mundo sob o governo do supremacismo branco, com um deus criado à imagem e semelhança de seus propósitos imperialistas. Trump é, hoje, o guru dos alpinistas da pirâmide da desigualdade. Ele usa metáforas como “imigrantes” para vomitar seu preconceito aos estrangeiros atraídos pelo “sonho americano”, embora sua terceira esposa, Melania Knauss, tenha nascido na Eslovênia. Esperto o suficiente para não ser acusado de racista e perder votos dos eleitores negros, é óbvio que a sua América é a dos “Wasp”: sigla em inglês para “brancos, anglo-saxões e protestantes”. Os racistas estadunidenses desprezam os católicos predominantemente descendentes de italianos e irlandeses. A ideologia trumpista é a Destino Manifesto, a convicção de que o modelo estadunidense de vida deve ser levado a todos os povos. Os EUA são uma nação bélica. Abriga apenas 4% da população mundial

e, no entanto, sua população civil tem em mãos 393 milhões de armas – 40% de todas as armas em circulação no mundo. Leia o [artigo na íntegra](#). Fonte: Revista Ópera.

PEC da Segurança Pública: Lula tem oportunidade para resgatar Brasil das PMs

Por Almir Felitte - Nos últimos meses, ganhou força o debate acerca de uma PEC da segurança pública do governo Lula através do ministro da Justiça e da Segurança Pública, Ricardo Lewandowski. Não oficializada até agora em qualquer documento, não temos muito mais informações sobre ela. Para falarmos aqui, nos baseamos, portanto, em entrevistas do ministro que explicitam algumas de suas diretrizes, bem resumidas em um artigo que ele publicou no Conjur. Ao que tudo indica, a PEC deve se desdobrar em 3 grandes eixos: a efetiva criação de um SUSP (Sistema Único de Segurança Pública) coordenado pela União; o aumento da competência da União para legislar sobre segurança pública e sistema prisional; e o aumento de competências da Polícia Federal e da Polícia Rodoviária Federal. No primeiro ponto, a União enfim reconhece: o SUSP não existe na prática, só mesmo na lei. E mesmo a lei (13.6715/18) tem seus vários buracos, sem boa delimitação de liderança em seus processos decisórios e sem a criação de mecanismos efetivos de controle sobre a atividade policial. É importante, portanto, que, para além dos desejos de integração nacional, o SUSP venha no sentido de estabelecer uma maior rigidez em certos princípios mais gerais da segurança pública, principalmente nos que se referem às garantias cidadãs. É importante dizer: a quebra do monopólio das PMs estaduais sobre o policiamento ostensivo seria completamente saudável para a democracia do país. Essa exclusividade da PM foi uma anomalia criada por um Decreto da ditadura militar em 1969 para militarizar o cotidiano da sociedade civil brasileira. Leia o [artigo na íntegra](#). Fonte: Ponte Jornalismo.

O negro da Filadélfia

Por Tianna S. Paschel - Prefácio à primeira edição em português do livro de W. E. B. Du Bois, O negro da Filadélfia. Escrevo este prefácio na condição de mulher e intelectual negra estadunidense que realizou seus estudos no Departamento de Sociologia da Universidade da Califórnia, em Berkeley, durante a primeira década dos anos 2000, onde não havia sequer menção a Du Bois em qualquer uma de nossas disciplinas obrigatórias. Recordo-me de haver feito um apelo passional a meu professor de Teoria Social à época para que Du Bois fosse incluído no cânone de teoria sociológica após um semestre em que foram lidos exclusivamente autores europeus do sexo masculino, um dos quais (Max Weber) fora influenciado por Du Bois, mas sem menção às suas contribuições. Escrevo este prefácio quase vinte anos depois, quando as areias já se moveram consideravelmente e quando o trabalho de Du Bois, e em particular O negro da Filadélfia, vem recebendo renovada e, muitas vezes, nova atenção entre os cientistas sociais e sociólogos em particular. Leia o [prefácio](#). Fonte: A Terra é Redonda.

Indígenas brasileiros, a impaciência com Lula e a lentidão na demarcação de terras

Por Joan Royo Gual - O movimento indígena também lamenta que o Governo não esteja mais envolvido para bloquear retrocessos no Congresso Nacional. No dia em que tomou posse como presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva subiu a rampa do Palácio do Planalto acompanhado de vários representantes da sociedade civil. Entre eles estava o venerável cacique Raoni Metuktire, como símbolo do renovado compromisso com os povos indígenas após os anos de apatia de Jair Bolsonaro. As expectativas eram muitas, mas desde aquela cerimônia de 1º de janeiro de 2023, os indígenas brasileiros vêm acumulando algumas decepções. Historicamente,

sua principal reivindicação é a demarcação das terras que ocupavam antes da invasão dos portugueses em 1500. É um processo burocrático e judicial trabalhoso e cheio de tensões com os proprietários rurais, para que o Estado reconheça uma determinada etnia como detentora de direitos. seu território histórico. Atualmente, essas reservas ocupam cerca de 14% do território brasileiro e tendem a ser grandes bastiões da biodiversidade, onde a natureza está mais protegida. A Constituição brasileira de 1988 deu prazo de cinco anos para que todos os povos indígenas do Brasil tivessem suas terras devidamente reconhecidas, mas ainda hoje, 36 anos depois, há dezenas de processos parados nos escritórios de Brasília. Leia o [artigo na íntegra](#).
Fonte: El País.

Antropoceno: uma visão ecossocialista

Por John Bellamy Foster – Apresentação do livro “Enfrentando o Antropoceno”, de Ian Angus, publicado pela Editora Boitempo. Livro recém-lançado joga luz sobre aspectos centrais do conceito. Sua origem, na Rússia soviética. O Antropoceno, considerado o novo período geológico após o Holoceno, que durou de 10 mil a 12 mil anos, representa o que tem sido chamado de “ruptura antropogênica” na história do planeta. Formalmente introduzido na discussão científica e ambiental pelo climatologista Paul Crutzen em 2000, resume a ideia de que os seres humanos se tornaram a principal força geológica emergente que hoje afeta o futuro do sistema terrestre. Embora muitas vezes seja datado da Revolução Industrial (fim do século XVIII), o surgimento do Antropoceno remonta mais precisamente ao fim da década de 1940 e ao início da década de 1950. Evidências científicas recentes sugerem que houve um pico por volta de 1950, marcando uma Grande Aceleração do impacto humano sobre o meio ambiente, e o traço estratigráfico mais dramático da ruptura antropogênica encontra-se na precipitação de radionuclídeos provenientes dos testes com armas nucleares. Desse ponto de vista, podemos entender que o Antropoceno corresponde mais ou menos à ascensão do movimento ambientalista moderno, que começou com os protestos liderados por cientistas contra os testes nucleares realizados acima do solo, após a Segunda Guerra Mundial, e emergiria como um movimento mais amplo após a publicação de Primavera silenciosa, de Rachel Carson, em 1962. O livro de Carson logo foi seguido pelos primeiros alertas de cientistas soviéticos e estadunidenses de que haveria um aquecimento global acelerado e irreversível. Essa inter-relação dialética entre a aceleração em direção ao Antropoceno e a aceleração de um imperativo ambientalista radical como resposta constitui o tema central deste maravilhoso livro de Ian Angus. Leia o [artigo na íntegra](#). Fonte: Outras Palavras.

EXPEDIENTE

MÍDIA NEGRA E FEMINISTA

Boletim Eletrônico Nacional

Periodicidade: Mensal

EDITOR

Valdisio Fernandes

EQUIPE

Allan Oliveira, Aline Alsan, Ana Santos, Atilas Lopes, Ciro Fernandes, Denilson Oliveira, Enoque Matos, Glauber Santos, Guilherme Silva, Graça Terra Nova, Keu Sousa, Jeane Andrade, Josy Andrade, Josy Azeviche, Leila Xavier, Luan Thambo, Lúcia Vasconcelos, Luciene Lacerda, Lucinea Gomes de Jesus, Luiz Fernandes, Marcele do Valle, Marcos Mendes, Mariana Reis, Mônica Lins, Patricia Jesus, Ronaldo Oliveira, Roselir Baptista, Silvanei Oliveira, Tamiris Rizzo.